

A Fundação Rockefeller e a medicina tropical em São Paulo. Circuitos, redes e personagens da parasitologia médica, microbiologia e anatomia patológica (1918-1969)

The Rockefeller Foundation and tropical medicine in São Paulo. Circuits, networks and characters of medical parasitology, microbiology and pathological anatomy (1918-1969)

Maria Gabriela S.M.C. Marinho

Professora da Universidade Federal do ABC (UFABC); vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais (PCHS-UFABC)
gabriela.marinho@ufabc.edu.br

Resumo

Os acordos assinados entre a *Fundação Rockefeller* e a Faculdade de Medicina de São Paulo para criação da Cadeira de Higiene, transformada sucessivamente em Departamento de Higiene, em 1918, e Instituto de Higiene, em 1925, asseguraram a constituição de um circuito de produção científica em torno da Parasitologia Médica, Microbiologia e Anatomia Patológica, distinto das práticas anteriores desenvolvidas em São Paulo em relação à disponibilidade de financiamentos vinculação aos centros de pesquisa no exterior. Nessa perspectiva, o artigo pretende identificar e analisar aspectos do ambiente de pesquisa e das redes de intercâmbio que se constituíram a partir de tais acordos, assinalando tensões e cisões decorrentes das novas alianças instituídas.

Palavras Chave:

Fundação Rockefeller, medicina colonial em São Paulo, história das práticas médicas, história da parasitologia, história da medicina tropical.

Abstract

The agreements signed between the Rockefeller Foundation and the Faculty of Medicine of São Paulo for the creation of Hygiene Chair, transformed successively in the Department of Health in 1918 and Hygiene Institute in 1925 ensured the establishment of a scientific production circuit around the Medical Parasitology, Microbiology and Pathology, distinct from previous practices developed in São Paulo in relation to the availability of funds linking to research centers abroad. In this perspective, the article aims to identify and analyze aspects of the research environment and exchange networks that formed from such agreements, indicating tensions and divisions resulting from new established alliances.

Key Words:

Rockefeller Foundation, colonial medicine in São Paulo, history of medical practice, history of parasitology, history of tropical medicine.

De “medicina colonial” para “medicina tropical”: o “caso” de São Paulo

A presença da Fundação Rockefeller no Brasil tem sido estudada sob vários aspectos, entre os quais, o financiamento para implantação de atividades científicas associadas à pesquisa biomédica, às práticas médicas de assistência à saúde, além do apoio à institucionalização de outros saberes especializados em universidades e centros de pesquisa [1 a 17]. Nesse artigo, procuro argumentar que sua atuação em São Paulo, entre meados da década de 1920 até o final dos anos 1960, e a partir da Faculdade de Medicina, incidiu sobre o campo de atuação médica que no início do século XX era genericamente denominado “medicina colonial” e abrigava em seu interior um conjunto de práticas e saberes em torno principalmente da parasitologia. Por meio dessa linha de argumentação, considero que a presença da Fundação Rockefeller em São Paulo foi um dos fatores decisivos para alterar a configuração de tais práticas e saberes na direção do que se tornaria cada vez mais difundido nos círculos científicos internacionais como “medicina tropical” [18].

Nessa perspectiva, ganha relevo a criação, em 1959, do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo (IMTSP), inicialmente vinculado à própria Faculdade de Medicina (FMUSP) e, mais tarde, transformado em unidade de pesquisada Universidade de São Paulo. Alguns indicadores são relevantes dessa presença intensiva e chama a atenção o facto de que as principais lideranças que conduziram o processo de institucionalização desse campo de saber, na “chave” medicina tropical, estabeleceram vínculos com a *Fundação Rockefeller* na condição de bolsistas (*fellows*) que completaram sua formação nos Estados Unidos, ou na Europa, com recursos da agência. Alguns, além dos estágios no exterior, mantiveram-se vinculados, por meio de financiamentos regulares para laboratórios e programas de pesquisa.

O processo de intensa institucionalização da área, permeado pelos vínculos com a Fundação Rockefeller, pode ser acompanhado inicialmente pela formação do IMTSP, cuja composição do primeiro Conselho Deliberativo, principal instância decisória do novo instituto, foi integralmente formada por docentes que eram também bolsistas da *Fundação Rockefeller*, no caso, Carlos da Silva Lacaz, João Alves Meira e Dácio Franco do Amaral. Outro indicador elucidativo da intensidade desses vínculos pode ser assinalado pela criação, já em 1959, da *Revista do Instituto de Medicina Tropical*, publicação ainda em circulação.

Editada até 1964 por Luis Rey, seu idealizador, e a partir daí por Carlos da Silva Lacaz, que manteve essa posição até 1985, a revista começou a veicular artigos em inglês no começo dos anos 1960. Pouco depois de sua criação, as edições passaram a ser apoiadas pela Organização Panamericana de Saúde (OPAS), a exemplo de três outras publicações relevantes da América Latina. Foram elas: *Acta Physiologica Latinoamericana*,

editada em Buenos Aires por Bernard A. Houssay, *Archivos Venezolanos de Nutrición*, sob a responsabilidade Werner G. Jaffe, de Caracas, e *Boletín Chileno de Parasitología*, publicado em Santiago do Chile, sob a coordenação de Amador Neghme. Note-se que todos os editores das revistas apoiadas pela OPAS foram bolsistas da *Fundação Rockefeller*. Bernard Houssay, prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia foi amplamente apoiado em suas pesquisas, assim como Werner G. Jaff e Amador Neghme.

Nesse mesmo contexto, e ainda em 1959, o IMT instituiu os cursos de especialização em Medicina Tropical, com oferta anual, e que se tornaram ao longo da década um polo de atração para médicos e sanitaristas da América do Sul. Em sua oferta inicial recebeu um venezuelano e a presença de peruanos, argentinos e chilenos cresceria nos anos subsequentes. Outro aspecto relevante desse processo de reconfiguração da área pode ser verificado pela criação, em 1962, da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, que passou a promover a realização dos Congressos Brasileiros de Medicina Tropical.

Concebida e instituída no ambiente da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo em Ribeirão Preto (FMUSP-RP), a iniciativa teve entre seus idealizadores bolsistas da Fundação Rockefeller, como Mauro Pereira Barreto. Por outro lado, sob a condução de Zeferino Vaz, entre 1947 e 1952 a própria Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto havia sido concebida e implantada como o segundo grande investimento da Fundação no ensino médico em São Paulo. Parasitologista formado em 1931 na Faculdade de Medicina de São Paulo, onde ingressou como aluno em 1926 e começou no mesmo ano a atuar no laboratório dirigido por Lauro Travassos, a quem reconhece como o principal inspirador de sua carreira científica (VAZ, 1986), Zeferino foi uma das figuras mais relevantes na institucionalização do campo biomédico no estado.

Em São Paulo, atuou por cerca de quarenta anos, como diretor da Faculdade de Medicina Veterinária, depois idealizador e diretor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, ambas na Universidade de São Paulo, entre meados da década de 1930 e final dos anos 1950. Em 1965, assumiu a reitoria da Universidade de Campinas (Unicamp) que ajudou a conceber e implantar e onde ficou até 1978. Ao longo das quatro décadas de sua atuação institucional foi um dos mais atuantes parceiros da *Fundação Rockefeller* em São Paulo e a partir de 1964 um interlocutor permanente do regime militar instituído pelo golpe de 31 de março.

Desse modo, a análise aqui desenvolvida soma-se a estudos anteriores que apontam a presença da *Fundação Rockefeller* como parte de processos que se inscreveram em transformações profundas da sociedade brasileira e conduziram a construção de novas racionalidades, como apontado por Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre [19, 20]. Considero, portanto, a atuação dessa agência como inserida no processo que em escala mundial disputava não só modelos de novas racionalidades médicas e científicas, mas tratava de afirmar a prevalência, preservação e reprodução de uma ordem social constituída por fundamentos ultraliberais associados ao *establishment* inter-

nacional em sua dimensão não apenas científica, mas também econômica, social e política.

A partir dessa perspectiva, o artigo recupera práticas e personagens anteriores aos acordos assinados entre a Fundação Rockefeller com a então Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (FMCSP) para criação do Laboratório de Higiene, depois Cadeira de Higiene, em seguida Departamento de Higiene e em 1925 Instituto de Higiene. Argumenta também que a atuação da Fundação Rockefeller na Faculdade de Medicina assegurou a constituição de um circuito de produção científica sistemática em torno da Parasitologia Médica, Microbiologia, Micologia Médica e Anatomia Patológica, cuja visibilidade passou a antagonizar com as práticas anteriores que eram desenvolvidas em São Paulo nos institutos públicos de pesquisa criados entre o final do século XIX e início do século XX, como o Bacteriológico, o Soroterápico, transformados depois, respectivamente, em Instituto Adolpho Lutz e Instituto Butantan. Entre os espaços de produção de conhecimento biomédico em São Paulo, no período, figurava ainda o Instituto Pasteur, instituído por particulares em 1903. A criação e trajetória inicial desse instituto em São Paulo colocam em evidência a força que localmente assumia as tradições de pesquisa oriundas da França, que se manifestavam pela ênfase na produção de conhecimentos em microbiologia e adesão aos princípios da chamada “revolução pastoriana”. De resto, a presença francesa em São Paulo não se restringia apenas aos círculos científicos, mas estendia-se a praticamente todas as esferas de circulação das elites locais.

A figura de Celestino Bourroul emerge como uma das personagens relevantes para a análise desse circuito de trocas científicas. Formado na Faculdade de Medicina da Bahia em 1904, ali defendeu a tese Mosquitos do Brasil, que contou com a orientação de Adolpho Lutz. Em razão de seu desempenho, foi premiado com viagem de estudos para a Europa, onde permaneceu por cerca de dois anos, realizando estágios na Faculdade de Medicina e no Instituto Pasteur de Montpellier, no Instituto de Medicina Colonial na Faculdade de Medicina de Paris, em Berlim e Viena. De volta a São Paulo, alternou suas práticas entre o consultório e o laboratório que criou, tornando-se mais tarde professor e membro do corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia. Ingressou como catedrático na Faculdade de Medicina de São Paulo em 1914, onde permaneceu até sua aposentadoria em 1950.

Assim como Bourroul, a própria Faculdade de Medicina moveu-se inicialmente por fronteiras plurais, abrigando em seu interior um conjunto diversificado de professores com saberes, formações e procedências distintas. Nos primeiros anos de sua implantação, a partir de 1913, conviveram na então Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (FMCSP) professores estrangeiros provenientes da França, Áustria, Itália e mais tarde, em decorrência dos acordos firmados com a Fundação Rockefeller, pesquisadores canadenses e norte-americanos. Lecionaram também médicos brasileiros formados na Bahia, no Rio de Janeiro, em Montpellier, na Pensilvânia, assim

como assumiram funções docentes professores que haviam começado sua carreira nas escolas médicas brasileiras então existentes, como foi o caso de Óscar Freire, e Pedro Dias da Silva, ambos procedentes da Bahia, e de Lauro Travassos, oriundo do Rio de Janeiro. Entre os nomes mais citados de professores com ligações externas estão Antônio Carini, italiano, Emile Brumpt, da Universidade de Paris, Lambert Mayer, da Faculdade de Medicina de Nancy, Alfonso Bovero e Alexandre Donati, ambos da Universidade de Turim, Walter Habermeld, da Áustria e Lauro Travassos, oriundo do Rio de Janeiro, com amplo círculo de relações acadêmicas internacionais. Outros professores brasileiros, igualmente citados com frequência são Óscar Freire, médico baiano, professor da Faculdade de Medicina da Bahia, Alexandrino Pedroso e Benedicto Montenegro, que estudaram na Universidade da Pensilvânia.

A morte em 1920 de Arnaldo Vieira de Carvalho, diretor da Faculdade de Medicina desde sua criação em 1912, abriu uma grave crise institucional, com sucessivas nomeações para o cargo ao longo dos anos subsequentes, inclusive de Celestino Bourroul que permaneceu na função por poucos meses, entre março e dezembro de 1922. Na década de 1940, quando as condições institucionais estavam mais estabilizadas, assumiram a direção da Faculdade de Medicina as primeiras gerações de ex-alunos titulados sob o modelo da Fundação Rockefeller. Concebido como espaço de formação das elites médicas, o modelo foi implantado a partir de 1926 e estava assentado no tripé da limitação do número de vagas em cinquenta ingressantes por ano, ênfase na produção científica com a instituição da dedicação exclusiva e do tempo integral para docentes das disciplinas pré-clínicas e instalação do hospital escola, que se tornaria mais tarde o Hospital das Clínicas, principal instituição do gênero em São Paulo, estado e capital.

Ernesto de Souza Campos foi o primeiro ex-aluno e também bolsista da Rockefeller a assumir a direção da Faculdade depois da reforma promovida em 1925 com o objetivo de ajustar a estrutura didático-pedagógica da escola aos preceitos da Fundação. Souza Campos assumiu por um período muito curto, permanecendo na direção entre final de outubro e meados de dezembro de 1930. No final da década de 1930, quando as relações institucionais se tornaram mais estáveis, assumiu a direção Ludgero da Cunha Motta, outro bolsista. Nos anos seguintes, as três gestões subsequentes foram igualmente assumidas por professores que haviam sido *fellows* da Fundação, no caso, Benedicto Montenegro, Renato Locchi e Jayme Arcoverde. Assim, entre 1938 e 1956, ou seja, por dezoito anos, a direção da Faculdade de Medicina de São Paulo esteve a cargo de personagens vinculados à Rockefeller.

Desse modo, pode-se argumentar que em tal contexto, quando as principais posições de direção e liderança começaram a ser ocupadas por ex-bolsistas, as relações de troca e intercâmbio científico tornaram-se mais homogêneas. Nas décadas de 1940, 1950 e subsequentes, países como França, Inglaterra, Alemanha, e também Portugal, continuaram fornecendo referências acadêmicas e científicas relevantes. Porém, quando

se cotejam os acordos, trocas e intercâmbios com os Estados Unidos, constata-se que os fluxos com esse país, que já vinham ocorrendo de modo crescente, ganharam maior escala e abrangência. Contudo, nas décadas iniciais da Faculdade de Medicina, as tradições da pesquisa realizada na França ainda se manifestavam de modo bastante evidente, como se encontra analisado a seguir. Para tal análise, optou-se por acompanhar a trajetória de Celestino Bourroul, como pode ser conferido abaixo.

Celestino Bourroul e a “medicina colonial” em São Paulo

Descendente de franceses procedentes de Antibes que se estabeleceram em São Paulo em meados do século XIX, Celestino Bourroul nasceu nessa cidade em 1880, filho do médico Paulo Bourroul e de sua prima Sebastiana Bourroul. Em 1899, matriculou-se na Faculdade de Medicina de Salvador e retornou a São Paulo em 1904. Em seguida foi para França, onde manteve contacto com o Instituto Pasteur, de Montpellier, com Grasset, Rolart e também com Blanchard, no Instituto de Medicina Colonial de Paris. Depois da França, estagiou com Orth, no Laboratório de Anatomia Patológica da Universidade de Berlim e, em seguida, em Viena, onde buscou especialização Clínica Médica, Radiologia e Anatomia Patológica. A viagem de estudos para a Europa foi uma decorrência de sua premiação como melhor estudante de no ano de sua formatura na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1904.

Em 1910, já plenamente estabelecido na capital paulista, o anúncio de seu Laboratório de pesquisas clínicas figurava na secção de classificados do jornal O Estado de São Paulo, ao lado de outros renomados médicos e estabelecimentos da cidade, assinalando a experiência no exterior, e particular no Instituto de Medicina Colonial de Paris, nos seguintes termos:

LABORATORIO DE PESQUIZAS CLINICAS do Dr. CELESTINO BOURROUL, do Instituto de Medicina Colonial de Paris, Ex-Preparador do Instituto Pasteur de Montpellier, com pratica no Instituto Pathologico de Berlim e Vienna Exames anathomo-pathologicos, bacteriologia e analyses clinicas, sôro-diagnosticos e reacção de Wassermann. Rua da Glória, 75-A. (OESP, 10 de Outubro de 1910, p.7)

A experiência de Bourroul com o Instituto de Medicina Colonial em Paris, e com Rafael Blanchard, já havia sido assinalada anteriormente pelo mesmo jornal. Diretor do Laboratório de Parasitologia da Faculdade de Medicina, criador do Instituto do Medicina Colonial, em funcionamento desde 1902 no quarto pavimento da própria Faculdade de Medicina de Paris, Blanchard havia-se firmado como um dos expoentes da parasitologia francesa no início do século XX. Em 1908, O Estado de São Paulo reproduziu longos trechos de matéria publicada pelo Petit Journal, apresentado como a “popular folha parisiense”, que indicava a presença de dois cientistas estrangeiros no Laboratório

de Blanchard no Instituto de Medicina Colonial. Um deles era o professor da Universidade do México, Zuniga y Aracates, e o segundo o próprio Bourroul [21].

Entre os trechos selecionados pelo jornal estava o relato de Blanchard sobre as atividades mais recentes do Laboratório, no qual assinalava a condição daquele centro como referência e ponto de atração de pesquisadores, conforme reproduzido a seguir:

As mais recentes descobertas feitas pelos nossos laboratórios são relativas à doença do somno. Todos os jornaes falaram sobre isso. (...) O laboratório sob minha direcção estudou todos os estragos feitos pela doença do somno em seguida a uma missão ao Congo, dirigida pelo dr. Brumpt, chefe dos trabalhos práticos do laboratorio de parasitologia. As nossas pesquisas não são simples curiosidades e acham se na vanguarda do movimento scientifico: lançam a medicina em novos caminhos que modificarão por completo as condições da vida. (...) Recebemos incessantemente a visita de muitos médicos estrangeiros e principalmente de latino-americanos, o que é fácil de explicar, desde que esse ramo da sciencia domina toda a medicina dos paizes quente [21].

Apesar de se colocar como referência internacional, ainda assim, Blanchard apontava para dificuldades na condução das pesquisas, como relatado no trecho abaixo:

O campo de investigação é immenso. Temos realizado estudos sobre a febre amarella, a peste, a febre dos argas, a doença do somno, a elephancia dos árabes e outras que tanto prejudicam as nossas colônias. Estamos de posse da colleccão mais importante que existe, de todas as culturas vivas dos parasitas que produzem taes doenças e do grande numero de outras que não me é possível numerar agora. Todos esses seres imperceptíveis multiplicam-se, criam-se em estufas especiaes (...). Como animaes de experiências, usamos macacos, doninhas, ratos, coelhos, cobaiaes ou porcos da India, peixes, batrachios, etc. Ao lado do laboratório propriamente dito, existe o Instituto de Medicina Colonial por mim creado do alto a baixo ha seis annos prestando aos médicos de nossas possessões ultramarinas os mais assignalados serviços. Infelizmente, não podemos contar com as ricas dotações dos laboratorios allemães e americanos e a falta de dinheiro para as nossas experiências é frequentemente sentida [21].

O contacto de Celestino Bourroul com o ambiente do Instituto de Medicina Colonial seria um dos elos a ligar instituições médicas de São Paulo e da França. Anos mais tarde, por exemplo, quando a Faculdade de Medicina e Cirurgia de foi criada em 1912, e instalada em 1913, Emile Brumpt, da Universidade de Paris, se tornaria um dos professores contratados no exterior para assumir a cadeira de História Natural Médica e implantar um laboratório de pesquisa em Parasitologia na escola recém-fundada. No mesmo período, viria também da França para a cadeira de Fisiologia da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, Lambert Mayer, de Nancy. Provavelmente, os contactos iniciais entre Blanchard e Bourroul tenham sido intermedia-

dos por Adolpho Lutz que havia orientado a tese elaborada por Bourroul, na Bahia, *Mosquitos do Brasil*, publicada em 1904.

Em São Paulo, Brumpt permaneceu por curto período, cerca de um ano, mas manteve contacto frequente com o Brasil, desenvolvendo trabalhos com Alexandrino de Moraes Pedroso, médico que havia se formado em 1904 na Universidade da Pensilvânia, na Filadélfia, e também com o médico baiano Pirajá da Silva. Pedroso, então membro do corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia, onde também atuava no Laboratório Anátomo-Patológico, que havia sido criado em 1909, teria um importante papel nos contactos iniciais entre a Fundação Rockefeller e a Faculdade de Medicina de São Paulo, primeiro como tradutor, depois como intermediário nas negociações. Ingressou na Faculdade de Medicina no primeiro concurso realizado em 1919, para lecionar na 4ª Secção correspondente às disciplinas de histologia, microbiologia, anatomia e histologia patológicas.

Ao lado de uma carreira científica que resultou em parcerias com Brumpt na pesquisa da leishmaniose tegumentar, Pedroso manteve o contacto com os Estados Unidos, onde retornou, depois de formado, para estagiar no Hospital da Pensilvânia. Caso não tivesse falecido em 1922, provavelmente teria assumido maior relevância nos apoios destinados pela Fundação Rockefeller a São Paulo. Embora hesitasse em assumir o tempo integral, como relatado por Richard Pearce, diretor da Divisão de Educação Médica da *Rockefeller*, chama atenção o modo como Pedroso e Bourroul foram retratados pelo próprio Pearce, em sua segunda visita ao Brasil, em 1922:

In the morning visited three buildings in which the Medical School is housed at present and the Department of Legal Medicine on the new school site, and also three other possible sites for the new school. In the existing departments there has not been change since my visit in 1919, excepted in the Department of Pathology. In the latter Department Klotz has done a magnificent work in the year he has been here. In the other departments, Anatomy, Bacteriology and Parasitology, respectively under Professors Bovero (Italian contract professor), Pedroso (American-trained Brazilian part-time professor), and Bourroul (French-Brazilian part-time professor), work is of a high order and shows progressive development. Aside from the departments above named there has been little change since 1916. This statement, of course, excludes the Department of Hygiene and its development. In the Institute of Hygiene the first floor has been given over to new Department of General Pathology which is essentially a combination of clinical pathology and experimental pathology, and is not very active. [22]

A morte Alexandrino Pedroso em 1922 abriria espaço para a ascensão de dois jovens assistentes, Benedicto Montenegro e Ernesto de Souza Campos, que iriam se dedicar à Micologia Médica e manteriam contacto estreito com Manguinhos, especialmente com Olympio Fonseca Filho. Souza Campos recebeu vários apoios da *Fundação Rockefeller* ao longo de sua trajetória profissional que, além da carreira científica, incluiu posições de

destaque político, como oposto de Ministro da Educação e Saúde no governo de Eurico Gaspar Dutra, em 1946.

Ao mesmo tempo, apesar das qualificações de Bourroul, ele jamais seria contemplado pelas dotações da *Rockefeller*, embora tenha exercido sucessivamente as cátedras de História Natural Médica, depois denominada Parasitologia em 1914 e Clínica de Doenças Tropicais e Infecciosas em 1925. A preferência da *Rockefeller* pelos quadros formados em sua “tradição” pode ser avaliada pelo relato de Pearce acerca dos planos para alterar a estrutura curricular da Faculdade de Medicina de São Paulo, conforme reproduzido a seguir:

It is interesting to analyze the factors responsible for the present favorable attitude towards the proposed reorganization, an attitude that has developed since my first visit in 1916, and which apparently has gained so much force that it cannot be ignored: 1) The influence of a few men as Pedroso, Montenegro and H. Lindenberg with American training 2) The influence of Paula Souza and Borges who had fellowships in the States 3) Darling and Smillie developing the Institute of Hygiene, which the faculty admits is the only perfect department in the school 4) Klotz, who has shown how pathology should be taught and is greatly respected by all members of the faculty 5) Alves Lima and his visit to the States. Before that visit he was said to be pro-French and anti-American in his attitude. Now he is ready to fight anyone for the reorganization and is continually referring to the schools and hospitals in the States as models. Incidentally it may be added that as a brother-in-law of the President of the State, his attitude is of great influence. 6) The attitude of the local progressives who see that with the aid of the RF there is an opportunity of developing in Sao Paulo a better school than in Rio. This factor can perhaps be appreciated only by those who know the extent of the jealousy existing between the two cities. After the Committee meeting I took Paula Souza and Pedroso aside and advised them as to methods of procedure in the faculty meeting tomorrow night, outlining arguments for them and urging avoidance of personal criticism. I did this because they are so partisan in their attitude and so inclined to take opposition as a personal insult that I feared they might prevent a favorable action if they aroused animosity. [22]

Em 1925, a Faculdade de Medicina de São Paulo aprovou a chamada *Reforma Pedro Dias da Silva*, fundamentada nas alterações propostas por Richard Pearce e implantada a partir de 1926. Com a nova estrutura didática e pedagógica, foi introduzido o tempo integral nas disciplinas pré-clínicas, o que permitiu ampliar o número de laboratórios e bolsistas da *Fundação Rockefeller*, condições que asseguraram a conformação de um *modus operandi* voltado para a formação de novas especialidades. Ainda assim, merece registro o facto de que a antiga cadeira de História Natural Médica, assumida por Brumpt e Bourroul, jamais adquiriu a denominação de Medicina Tropical, tendo sido transformada, em 1925, na disciplina de Moléstias Infecciosas e Parasitárias, origem do atual Departamento, que manteve o mesmo nome.

Considerações finais

A história da Medicina Tropical em São Paulo ainda é um campo de estudos razoavelmente inexplorado. Embora algumas análises já tenham sido realizadas, os diferentes meandros de sua trajetória em espaços como o Instituto Biológico, Instituto de Higiene, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMUSP-RP) e mesmo no Instituto de Medicina Tropical, assim como em instituições criadas ao longo ou após a década de 1960, como o Instituto de Ciências Biológicas (ICB-USP), a Universidade de Campinas (UNICAMP) ou a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita (UNESP), entre outras, ainda restam por serem recuperados.

Nesses espaços, muito provavelmente, serão encontrados pesquisadores que foram de algum modo beneficiados pela intro-

dução do tempo integral nas disciplinas pré-clínicas na Faculdade de Medicina de São Paulo, modelo que permitiu a ênfase na investigação centrada no laboratório. A análise das carreiras científicas do grupo de ex-bolsistas da *Fundação Rockefeller* ainda é um tema igualmente negligenciado. Embora alguns tenham sido estudados tangencialmente, falta uma visão de conjunto do impacto que produziram figuras como Ernesto de Souza Campos, Zeferino Vaz, Samuel Barnsley Pessoa, Luiz Hildebrando, entre outros, sendo que alguns deles trabalharam diretamente com os quatro pesquisadores enviados pela *Fundação Rockefeller* a São Paulo para cumprir os acordos iniciais. Um elemento relevante desse circuito de trocas científicas na década de 1920, igualmente pouco analisado, foi a circulação de professores e alunos da Faculdade de Medicina de São Paulo junto ao Instituto Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro.

Bibliografia

1. Benchimol, JL. e Sá, MR (orgs.) (2006). Adolpho Lutz e a Entomologia Médica no Brasil/Adolpho Lutz Medical Entomology in Brazil. Fiocruz, Rio de Janeiro, Brasil.
2. Campos, C (2002). São Paulo pela Lente da Higiene: as propostas de Geraldo Horácio de Paula Souza para a cidade: 1925-1945. Rima, São Carlos, Brasil.
3. Faria, LR (1994). A Fase Pioneira da Reforma Sanitária no Brasil: a atuação da Fundação Rockefeller (1915-1930). Inst. Med. Social/UERJ, Rio de Janeiro.
4. Faria, LR (2007). Saúde e Política: a Fundação Rockefeller e seus parceiros em São Paulo. Fiocruz, Rio de Janeiro, Brasil.
5. Korndörf, AP (2013). "Na International Problem of Serious Proportions": a cooperação entre a Fundação Rockefeller e o estado do Rio Grande do Sul no combate à anclostomíase e seus desdobramentos (1919-1929). PUC/RS, Porto Alegre, Brasil. [http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/15/TDE-2013-05-14T053823Z-4453/Publico/449009.pdf]
6. Korndörfer, AP (2015). A Fundação Rockefeller Chega ao Brasil: cooperação no combate ao "mal da terra" (1916-1923). in Marinho, MGSMC, Mota, A e Campos, C (orgs.). obra cit.
7. Labra, ME (1985). Movimento Sanitarista nos anos 20: da Conexão Sanitária Internacional à especialização em Saúde Pública no Brasil. Rio de Janeiro, Brasil.
8. Löwy, I (2006). Vírus, Mosquito e Modernidade: a febre amarela no Brasil entre ciência e política. Fiocruz, Rio de Janeiro, Brasil.
9. Marinho, MGSMC (1993). O Papel da Fundação Rockefeller na Organização do Ensino e da Pesquisa na Faculdade de Medicina de São Paulo (1916-1931). DPCT/Inst. Geoc./UNICAMP, Campinas, Brasil. Conferir o texto integral e outras referências no endereço abaixo: <http://www2.fm.usp.br/museu/mostrahp.php?origem=museu&xcod=C01e%20E7%20Medicina,%20Sa%20Fad%20e%20Hist%20F3ria&dequem=Downloads%20de%20Livros>
10. Marinho, MGSMC (1999). A Filantropia Científica e a Implantação da Ciência Profissional em São Paulo: a articulação entre a Fundação Rockefeller e a Universidade de São Paulo; análise do papel de Ernesto de Souza Campos e Zeferino Vaz como "parceiros" da filantropia norte-americana na institucionalização da pesquisa de excelência: 1934-1952. FFLCH/USP, São Paulo, Brasil.
11. Marinho, MGSMC (2001). Norte-Americanos no Brasil: uma história da Fundação Rockefeller na Universidade de São Paulo (1934-1952). Autores Associados/USF/ FAPESP, Campinas/Bragança Paulista, Brasil.
12. Marinho, MGSMC (2003). Elites em Negociação: breve história dos acordos entre a Fundação Rockefeller e a Faculdade de Medicina de São Paulo: 1916-1931. CDAPH/EdUSF, Bragança Paulista, Brasil.
13. Marinho, MGSMC (2004). A Fundação Rockefeller e Instituições de Ensino e Pesquisa em São Paulo: procedimentos, práticas e personagens no campo biomédico: uma análise preliminar (1916-1952). Horizontes. 22 (2), Bragança Paulista, Brasil.
14. Marinho, MGSMC e Mota, A (orgs.) (2013). Caminhos e Trajetos da Filantropia Científica em São Paulo: a Fundação Rockefeller e suas articulações no ensino, pesquisa e assistência para a medicina e saúde (1916-1952). FMUSP/UFABC/Casa de Soluções, São Paulo, Brasil.
15. Marinho, MGSMC, Mota, A e CAMPOS, C (orgs.) (2015). Racionalidades em Disputa: intervenções da Fundação Rockefeller na ciência, medicina e prática médicas do Brasil e América Latina. FMUSP/UFABC/Casa de Soluções, São Paulo, Brasil.
16. Rocha, HHP (2003). A Higiene dos Costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Higiene de São Paulo: 1918-1925. Mercado de Letras/Fapesp, Campinas/São Paulo, Brasil.
17. Santos, LAC e Faria, LR (2003). A Reforma Sanitária no Brasil: ecos da Primeira República. CDAPH/EdUSF, Bragança Paulista, Brasil.
18. Caponi, S (2002). Coordenadas Epistemológicas de la Medicina Tropical. Hist. Ciênc. Saúde: Manguinhos. 10 (1): 113-149
19. Holanda, SB (1988). Raízes do Brasil. 20ª ed. José Olympio, Rio de Janeiro, Brasil.
20. Freyre, GM (1974). Ordem e Progresso: processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre: aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre; e da monarquia para a república. [tomo 1]. 3ª ed. José Olympio/ INL, Rio de Janeiro/ Brasília, Brasil.
21. O Estado de São Paulo, de 10 de Fevereiro de 1908.
22. Pearce R (1922). RAC Relatório Pearce Brazil. USA.

Este artigo é uma versão original e expandida da comunicação apresentada no II Encontro Luso-Brasileiro de História da Medicina Tropical realizado na Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, de 14 a 16 de Outubro de 2015. Nenhuma versão, parcial ou integral, foi submetida a qualquer outra publicação.